

L. 28323<sup>4</sup>

L U Z I A

SÔBRE A VIDA...

SÔBRE A MORTE...

(Máximas e reflexões)

L I S B O A

1 9 3 1



Lo  
28325<sup>4</sup>

SÔBRE A VIDA...

SÔBRE A MORTE...

DA AUTORA:

OS QUE SE DIVERTEM . . .

RINDO E CHORANDO . . .

CARTAS DO CAMPO E DA CIDADE

CARTAS DUMA VAGABUNDA

100.V. U Z I A

B.F. 18308

CONSERVATORIA DA PROPRIEDADE  
LITERARIA SCIENTIFICA E HISTORICA  
BIBLIOTECA NACIONAL  
LISBOA

6 de Abril de 1931  
N. 28328

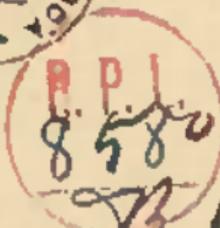
de 1931

SÔBRE A VIDA...

SÔBRE A MORTE...

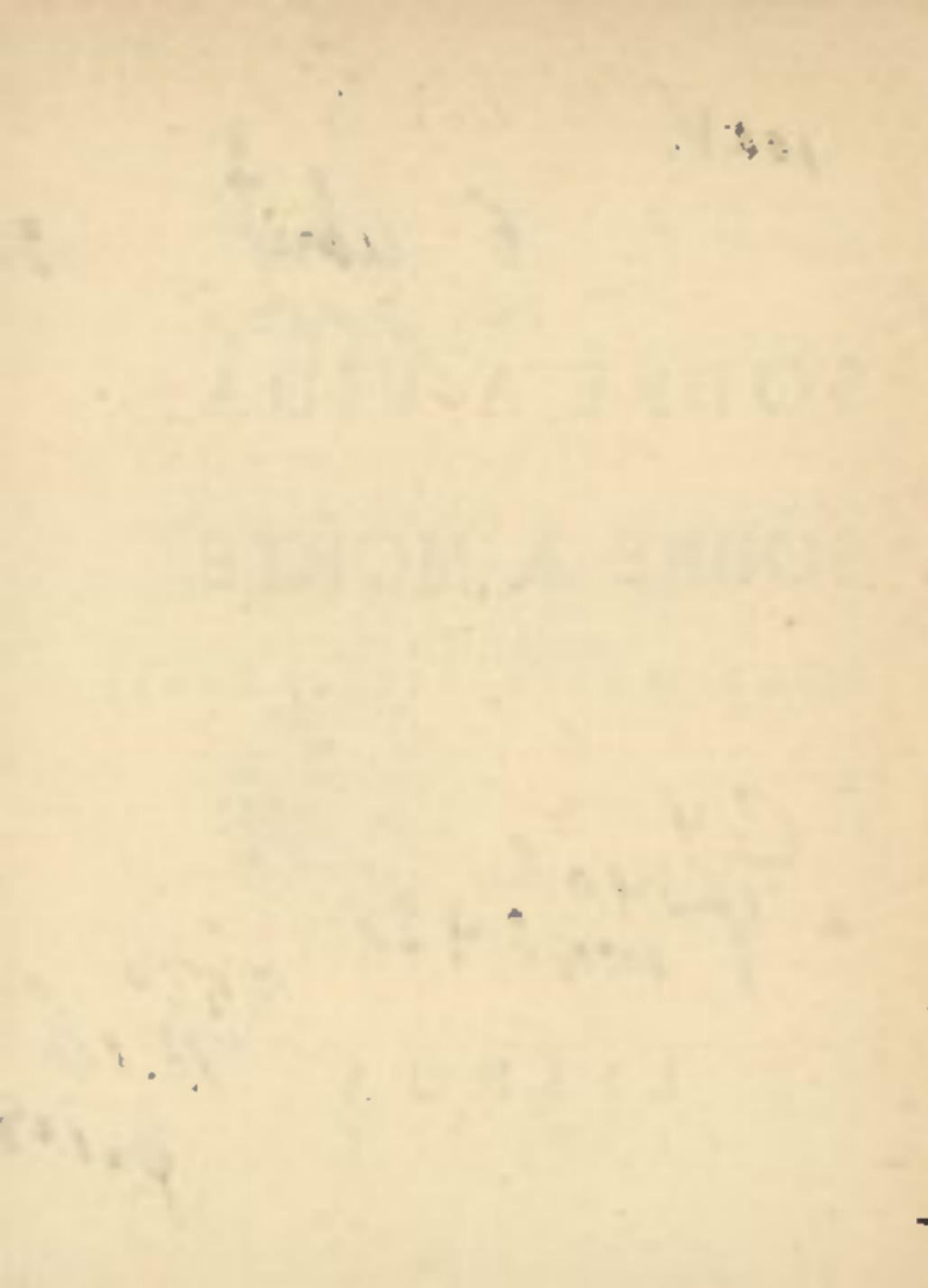
(Máximas e reflexões)

C.4  
402  
n. 5642



L I S B O A  
1 9 3 1

B.16.  
p. 104



PARA OS TRISTES



— Não precisas dizer-me que é maravilhoso o céu. Conheço todos os seus lindos aspectos, tôda a deliciosa gama das suas côres. . . Sei que pode transformar-se numa suavíssima rosa, em pálido miosotis, em pervinca brilhante e numa escura violeta. . . Mas quero que me ensines como se encontra esperança e alívio na sua contemplação. . .

— Olhando para lá das estrêlas...

— Ha quem pretenda que a terra é pequena, mas eu acho-a tão grande, tão grande, que as almas perdem-se e, em vão, procuram o caminho onde, por breves minutos, se cruzaram uma vez!

— Oh! saber ao menos o porquê destas simpatias que nos levam uns para os outros, dêstes rápidos encontros em que os olhos e as mãos se tocam e se tocam os corações!

— Espera, confia . . . Nenhuma das tuas ansiosas perguntas ficará sem resposta. Nenhum encontro foi vão. . . Saberás porque a tua alma se cruzou com outra alma, porque as mãos e os olhos se tocaram, porque se tocaram os corações. . . Voltará a falar-te a voz que hoje se cala. . . E não julgues perdida a luz que se apagou. . . Por cada luz apagada na terra, surge uma estrêla no céu. . .

Tive horror ao sofrimento enquanto, por não lhe perceber o sentido, com injustos olhos o vi. . . Mas contou-me êle os seus segrêdos, desvendou-me os seus tesouros, e desde então eu lhe chamei: — Oh! meu Mestre! Oh! meu Amigo. . .

Encontrámo-nos. Eramos novas,  
alegres, desapiedadas Tu passaste  
sem vêr-me. Eu não te reconheci...

Voltámos a cruzar o mesmo ca-  
minho. Já a vida nos trouxera a Tris-  
teza, nos ensinara a Piedade. . .

E logo os teus olhos me chama-  
ram, a minha alma procurou a tua  
alma. . .

Cai a noite sôbre o campo. . . Logo te oiço exclamar: — Que silêncio, que horrível solidão! — E, já pela maviosa voz do rouxinol, pelo suave murmúrio das brisas, os ramos cantam. . . Entre mil zumbidos de insectos, o sapo exala a sua notazinha de cristal. Na erva, os piri-lâmpas abrem luminosos olhos. . . Tôda a terra palpita, tôda a terra vive. . . Mas porque te faltam as palavras humanas, julgas-te no abandono, na mudez do deserto. . .

Assim, em certas almas, de que lamentas o silêncio, a solidão, há presenças que tu não suspeitas, falam vozes que tu não ouves. . .

Só é verdadeiramente forte e digno de acolher uma grande Dôr, o coração que a sabe calar.

A verdadeira piedade estende-se  
a tudo o que existe : não abandona  
um animal, não deixa morrer à sede  
uma planta. . .

Queres tornar menos cruel a tua dôr? Aceita-a. Oferece-lhe docilmente o coração. E não lhe peças explicações. Nada pretendas saber. Deus sabe. É quanto basta.

*Chacun est seul avec sa misère...* Procura aliviar tôda a miséria que passa ao alcance do teu coração, e não te sentirás a sós com a tua própria miséria. . .

Se, realmente, queres pôr um preço às tuas boas acções, não digas: — É para que Deus me dê isto e . . . mais aquilo. . . — Dize: — É para agradecer a Deus, tanto que me deu já. . .

Quando te julgares muito deserdado pela sorte, pensa no que te sobra e a'os outros falta. . .

O teu grande, o teu peor inimigo, não é o que abusou da tua confiança e te traiçou, te caluniou.

O tempo. como a agua, tudo leva. Bastará que uns mêses. . . uns dias corram, para que traições e calúnias se desfaçam. . .

O teu grande, o teu peor inimigo, o que te atravanca o caminho, paralisa todos os bons movimentos da tua alma, estraga os teus prazeres, é aquelle: — *Eu, eu, eu*, que dizes e ouves constantemente, que preside a tôdas as tuas acções, a que, em tudo, dás o primeiro lugar. Põe-no de parte ou, pelo menos, passa-o para o segundo plano, de vez em quando; procura esquecê-lo. . . Verás como respiras melhor, como se torna largo e fácil o teu caminho. .

Nunca julgues suficiente o bem  
que fizeste: pensa que podias ter  
feito muito mais e melhor.

Os melhores actos de caridade e devoção nada valem, se os praticares com prejuizo do teu mais pequenino, obscuro dever.

Dá-me as tuas máguas; eu dou-te as minhas penas. Verás que, tornando-se *nossas*, elas pezam muito menos do que pezavam, quando eram só *tuas* e só *minhas*. . .

Vingares-te. . . Oh! pobre coração, para quê? Não achas bastante o mal que te fizeram, queres ainda que te dêa o mal que vais fazer?

Dize-me como tratas os teus inferiores. . . Dir-te-hei quanto vales, e quem és. . .

Há os grotescos que fazem rir, os que irritam, os que repugnam, os que confrangem como um grito de miséria. . . E há também os grotescos que enternecem, que chamam e prendem o coração. . .

Quando dêres aos pobres todo o teu supérfluo — repara que não digo *necessário* — acreditarei na tua caridade.

Desconfia das pessoas que falam constantemente na sua franqueza, no seu amor da verdade. . .

Essas declarações costumam ser um pretexto para dizerem tôdas as coisas desagradáveis e maldosas que pensam dos outros. . .

Não acredites que seja pecado  
amar a vida. Foi Deus que a deu.

Sê alegre. A alegria é o bom tempo da alma, é sol que espalhas em volta de ti. . .

É's *coquette* e és extravagante. Compras, por fabulosos preços, rendas, pérolas e vestidos.

Não te censuro. A tua prodigalidade espalha trabalho e pão, em volta de ti...

Mas peço-te que reserves essas magníficas rendas, êsses preciosos colares, para as salas, onde encontras quem pode tê-las de igual valor.

Na rua, sê mais simples, e mais modesta. Lembra-te quanta miséria, quanta fome, iria o teu luxo afrontar...

É perfeito o coração que soube  
esconder as suas lágrimas de quem  
lhas fez chorar.

A amizade conta tudo o que recebe e dá tudo sem contar...

Ha três espécies de amizade : a que vem dos laços de família e anda conosco sem quási darmos por ela, doce, fácil como um hábito. A amizade gratidão que — eterna ironia dos nomes ! — é sempre a mais ingrata, porque custa um esforço, como um dever. E a melhor de todas, a amizade simpatia, que escolhe como o amor, de que tem o encanto, o perfume, sem ter o travo de amargura . . .

O amor recebe um tesouro e queixa-se: — E' pouco... Dá-te uma moeda de cobre e declara: — E' demais...

Tão solitário e desolado como o cemitério ao abandono, onde jazem, esquecidos, os mortos, é o coração que um grande amor desertou.

Gostar muito, é fácil ; mas raros,  
raríssimos corações sabem gostar  
sempre. . .

Não maldigas o sofrimento ; foi  
êle que te ensinou a Piedade, essa  
fonte mais pura do amor. . .

Dizem que se é mais feliz sem ti,  
mas há quem prefira ser infeliz com-  
tigo. . . oh! coração. . .

Contaste-me a tua história, julgando-a, certamente, inédita. . .

Veu o Amor dizer-te: — Sempre! Fingiste não ouvir; preguntaste timidamente: — Será até amanhã?

Repetiu o Amor: — Até amanhã, até à morte. . . Sempre!

E. . . nunca mais voltou. . .

Mas a história que julgas inédita, é a história de muita gente. . .

— Não amar quem nos ama, é ainda peor do que não ser amado por quem nós amamos, — pretende, no seu livro de amarga filosofia, Toulet.

Decerto poucos concordam com esta opinião. Mas eu julgo-a verdadeira. Amar é um prazer, mesmo na dolorosa hipótese de não sermos correspondidos. Há a volúpia do sofrimento. . .

Depois, há sempre a esperança... E o orgulho de ter um coração que sabe melhor. . .

Porém, sentirmo-nos queridos quando já nada temos para dar, e, daquele que tudo nos pede, já nada consegue interessar-nos, quando até a piedade — essa triste sobrevivência do amor — começa a cansar-se e só cresce em nós um impaciente desejo de que nos deixem. . .

— Oh! Toulet tem razão, é peor  
do que tudo!

— A saudade mais triste, a saudade peor, é a que sentimos pelo morto, vivo ainda no nosso coração. . .

— Enganas-te. Saudade mil vezes mais triste, mil vezes peor, é a do vivo que só para nós morreu. . .

—Amor, tens sempre tanta pressa!  
E, finalmente, o melhor que nos dás  
é aquela perturbadora, indecisa ho-  
ra, em que o coração não sabe, mas  
já adivinha, sente mas ainda não  
diz...

A Morte e o Amor võem como os ladrões, forçam as fechaduras, entram pela janela, subtis, traiçoeiros...

Diz a Morte: — Pára, acaba o teu vão labutar, refugia-te nos meus braços; para sempre vais dormir...

Diz o Amor: — Levanta-te, caminha; a tua paz acabou; para sempre vais sofrer...

Não será duas vezes igual o coração em que puzeste o teu desejo, a tua esperança. Mas, daqui a anos, se voltares, as mesmas sombras te acolherão e, como agora, a terra te sorrirá, pacificadora e linda. . .

Não sejas tão severo com os novos. Lembra-te que já seguiste a sua esperança e que êles caminham já para a tua desilusão...

Temes a velhice porque não sa-  
bes, quantas vezes, envelhecer é  
descansar...

Muito mais amarga e dolorosa do que a hora decisiva, em que a mulher diz: — Eu *já* sou velha — é a hora de incerteza e hesitação, que lhe permite dizer: — Eu *ainda* sou nova...

O envelhecer de algumas raras,  
privilegiadas mulheres, lembra-me  
aquela hora suavíssima em que uma  
linda tarde se funde na paz de uma  
noite estrelada.

Olhos que já não podem chorar :  
tristes e mudos como a fonte onde  
já não corre a água !

A indulgência é a graça da ve-  
lhice.

Preguntaste-me: — O que serei, o que farei, quando chegar a velhice? — E o sorriso abandonou os teus olhos fúteis, a tua bôca pintada. Respondi: — Não te preocupes. Serás como agora és. Farás o que hoje fazes. . .

Soltaste um suspiro de alívio. Voltou a sorrir a tua frivolidade. . . Pobre de ti! Não percebeste que te anunciei o que há de peor: a velhice paródia da juventude, a velhice mascarada!

A coragem é a grande elegância  
da alma e a paciência a sua maior  
fôrça. . .

— Sou modesta, séria, cumpridora de todos os meus deveres. Passo a vida a fazer bem. E só má vontade, frieza, encontro em volta de mim! Ela é vaidosa, leviana, desapiedada. Vive para divertir-se. Jámais acudiu a alguém. E tôdas as mãos se lhe estendem, tôdas as bocas lhe dizem: «Bem vinda!» Porquê?

— Porque a tua virtude é triste e o seu pecado sorri. . .

Ensina-me um remédio para a  
minha dôr sem igual. Dize como  
ha-de aplacar-se esta tempestade de  
sofrimento . . . Onde está o lenitivo,  
onde encontrarei auxílio, proteção...

— Pede a Deus que te deixe cho-  
rar . . .

Queria saber dizer-te que grande fôrça, que imenso recurso é, na vida, o bom humor. Com êle, todos os fardos se aligeiram, atenuam-se as contrariedades, ficam quási amáveis os defeitos... Sem êle, até a beleza perde a graça, torna-se enfadonha a virtude e tem espinhos a bondade...

És feliz? Goza plenamente a tua  
felicidade, mas não a deixes rir e  
falar alto, perto da desventura que  
chora . . .

Reler tem, para mim, maior encanto do que ler. Ler é como o alvoroço, a inquietação de uma primeira viagem . . .

Reler é a *halte*, o descanso no lugar que o meu gosto escolheu.

Ler é fazer um conhecimento novo, que atrai sobretudo a minha curiosidade.

Reler é encontrar o amigo que prefere o meu coração.

As grandes inspiradoras não são necessariamente mulheres superiores ou, por outra, raríssimas vezes o são. Tantas, como Julieta Guicciardi, possuem apenas um espírito limitado, banal, uma fria alma de *coquette*.

Porém, oh! artista, que te importa? Julieta Guicciardi e a efêmera flor do seu encanto e a insignificância do seu coração, passaram, esqueceram... Não passará jámais a *Sonata, quasi uma fantasia*, essa maravilhosa *Noite de luar*, saudade, reminiscência da noite divina em que, sob as tílias, Beethoven lhe beijou os olhos maguados...

Saudades e esperanças andam sempre de mão dada.

Quási tôdas as esperanças choram um bocadinho de saudade e nem por isso são tristes... Tristes são as saudades que choram sem esperança...

Para quantas mulheres, os vestidos constituem a principal — deveria talvez dizer a única — razão de existir e a última palavra sôbre todos os acontecimentos da terra!

Lembra-me ter ouvido, num grupo de senhoras, os seguintes comentários sôbre a morte duma parente:

— Olha que já é falta de sorte! Acontecer uma coisa destas exactamente quando mandei fazer um casaco encarnado!

A outra respondeu: — Vamos lá que, para mim, a ocasião podia ser peor... Deu-me, êste ano, para o preto...

Uma terceira, de coração menos egoista ou talvez mais afeiçoado à defunta, exclamou: — Coitadita! Já tinha encomendado tôdas as suas *tollettes* de inverno!

Dia de visitas. Anunciaram-me o Amor: — Digam-lhe que eu já morri . . .

Veio depois a Amizade: — Sendo velha, acolho-a sempre e a qualquer hora; nova, já aqui não tem lugar

Apareceram, em seguida, a Beleza, dando o braço à Vaidade: — Posso lá recebê-las, com tão poucos espelhos em casa!

A Virtude: — Se não traz muitos espinhos, mande entrar.

O Snobismo: — Enganou-se, de certo . . . Nunca foi conhecido de quem mora aqui . . .

A Política: — Depressa, ponham tôdas as trancas na porta! . . .

O Sucesso . . . — É uma visita perigosa. Vem hoje dar-me um beijo; amanhã, volta-me as costas. Digam-lhe que não estou em casa . . .

.....

Uf! Foram-se todos embora! —  
Aproxima-se a Resignação... Ca-  
minha a Paz ao seu lado...

— Abram-lhes, de par em par, tô-  
das as janelas e portas!

É apenas uma pequenina violeta, enfezada e triste . . . Veiu talvez escondida entre as lindas flores que enchem as minhas jarras. Não daria por ela, se o seu doce, inconfundível perfume a não traísse.

Assim se revela o encanto de certas almas, prisioneiras em feios, desageitados corpos . . .

Avisaste. Deste um conselho. Eu não te ouvi. Veiu disso o mal que previas . . . E mil vezes mais insupportável do que êle, foi o teu satisfeito: — «Eu bem te dizia . . .»

Não invejes tanto os que viajam.  
Há quem o faça por prazer, bem sei.  
Mas há quem ande de terra em terra,  
para fugir à uma lembrança, para  
enganar uma saudade, trocar o no-  
me que teve e foi querido só de al-  
guem, por um número nos hotéis,  
que já foi de tôda a gente! . .

Nenhuma alegria te satisfaz. Nenhuma ventura correspondeu ao teu sonho, ao teu desejo! Julguei-te insaciável, coração! Até que um dia veio a Tristeza e te ouvi, enfim, dizer: — «Oh! meu inteiro bem, oh! meu contentamento!»

Desejar é melhor do que ter e  
quási tão bom como lembrar. . .

— O que acontecerá hoje? —  
Para os novos, esta pergunta é a  
esperança, o desejo de que aconteça alguma coisa. Para os velhos,  
é o terror do que pode acontecer...

Entre a caridosa mentira que vai prolongar a esperança de uma alma e a verdade cruel, que pode ferir a sua última ilusão, não hesites: escolhe a mentira. . .

Os egoistas desconhecem o maior  
de todos os prazeres: — o que se  
dá aos outros. . .

Não confundas o orgulho com a vaidade. O primeiro pode ser uma fôrça ; a segunda é sempre uma fraqueza. . .

Dizia, com arrogância, um rico :  
—Tenho palácios na cidade, quintas  
no campo, automóveis *Rolls Royce*  
(até que apareça marca superior),  
cavalos de tôdas as raças, cães com  
árvores genealógicas, a cem contos  
por exemplar. . . Só os aneis do meu  
dedo mínimo valem uma fortuna. . .  
Viajo num hiate que pertenceu a um  
rei. . . Servem-me, em travessas de  
oiro, com talheres de brilhantes,  
jantares de vinte pratos. . . Desde  
um império a uma consciência, tudo  
eu posso comprar. . .

Mas logo alguém respondeu : — A  
paz nunca se encontrou no merca-  
do, nem está para vender a alegria.  
São bens que Deus poz ao alcance  
do pobre; não os pagas com di-  
nheiro . . .

Acabou o dia e com êle todo o  
vão rumor. . . É noite.

Apaguei a luz para vêr e sentir  
melhor tudo o que só vêem os olhos  
da alma e só a alma sente.

Estou já cansada da Vida! . . . Oh!  
Morte, vamos conversar. . .

Não a temas. Olha bem para ela.  
Verás que nenhum sorriso tem a  
paz do seu sorriso. . .

— *Mes amis, croyez que je dors* —  
palavras escolhidas pelo cavaleiro  
de Boufflers para o seu epitáfio. Eu  
acrescentaria: do sono mais tran-  
quilo e mais doce, único que não  
conhece o importuno acordar. . .

A Morte levou o teu grande amor.  
Sofre, chora sem fim, mas não digas: — É peor do que tudo! — Era mil vezes peor se o tivesse levado a Vida.

Da viagem da morte nunca mais se volta . . .

E, entre tantos que partem, haverá um só que queira voltar ?

Esquecer é matar e, muitas vezes, morrer. . .

— Fôste rico, poderoso, tiveste joias, palácios, domínios sem fim . . .

Ao pobre, recusou a terra o pequeno, humilde espaço onde cabe uma cama . . .

Morreste entre rendas e brocados. Vestiram-te roupas magnificas. Cobriram-te das mais raras flores . . . Uma multidão, de conhecidos e . . . desconhecidos, assistiu às tuas sumptuosas exéquias, acompanhou o teu entêrro, a tua última, deslumbrante mascarada . . .

O pobre expirou, nu, ao abandono, sôbre uma enxerga. Retalharam-lhe o corpo na Morgue. Não teve uma prece. Não lhe deram uma flor. Chegou, desamparado e só, ao cemitério.

Porém — oh! rico, acabou o teu injusto privilégio. A parte do mendigo tornou-se igual, emfim!

No jazigo de mármore e na terra  
sem nome, para o que teve fartura  
e para o que teve fome, tôda a voz  
será silêncio, todo o dia será noite

Pode-se amar a vida, sentir-lhe ainda o preço inestimável e, contudo, desejar morrer, como, após um lindo passeio, se deseja descansar e, no fim dum longo dia, se deseja dormir. . .

Viajavamos juntas. Em um dêsses tristes *Palaces* onde nos alojámos, havia baile na sala e um cadaver num quarto. Horrorizou-te o contraste... Disseste: — Vamos embora...

Mas eu respondi: — Ficamos. Nada vejo aqui de anormal. Quem está morto já dansou. Morrerá quem hoje dança...

Contaste-me que, na tua visita a um convento de cartuxos, acima de tudo, te impressionou está sentença, escrita no muro de cada cela :

— Irmãos, é preciso morrer. . .

Conheço certo cansado, exausto coração, a quem, mil vezes mais cruel e mais dura, pareceria a sentença : — Irmãos, é preciso viver. . .

Lourdes: os cegos vêm, os paratícos andam, os mudos falam...

Porém, muito mais do que todos êsses milagres, me surpreende e encanta, o milagre de resignação que leio em cada olhar e adivinho em cada alma.